

AINDA PREFERIMOS “*QUERER O NADA A NADA QUERER*”?¹ [Do we still prefer “will nothingness, than not will”?]

Vincenzo Di Matteo²

Resumo: Pretendo, nesta Comunicação, partir de uma frase emblemática com que se abre e conclui a III Dissertação da *Genealogia da moral*: “o homem preferirá ainda *querer o nada a nada querer*”. O objetivo é testar até que ponto o pensamento de Nietzsche nos pode ajudar para pensar um fenômeno contemporâneo que afeta diretamente ou indiretamente milhões de pessoas: o da depressão. Após uma contextualização e uma justificativa do método de abordagem do texto nietzschiano selecionado, procedo a uma análise da crítica do filósofo ao “ideal ascético” e às figuras culturais do pensamento ocidental que o legitimaram para refletir, em seguida, se e até que ponto ainda hoje, em nosso mundo globalizado, o fenômeno da depressão pode ser caracterizado como “*uma vontade de nada*”. Finalizo, problematizando a saída terapêutica apenas por uma medicalização da existência.

Palavras-chave: Nietzsche – ideal ascético – vontade de nada – depressão

Abstract: I intend, in this Communication, start from an emblematic sentence that opens and concludes III Dissertation of the *Genealogy of Moral*: “man still prefers to will nothingness, than not will”. The goal is to test the extent to which Nietzsche's thinking can help us to think a contemporary phenomenon affecting directly or indirectly millions of people: the depression. After a context and an justification of the method of approach of the Nietzschean text, I proceed to a critical analysis of the philosopher to the “ascetic ideal” and cultural figures of Western thought that legitimized to reflect, then, if and to what extent yet today, in our globalized world, the phenomenon of depression can be characterized as “a willingness to nothing.” I conclude, questioning the therapeutic exit just for a medicalization of the existence.

Keywords: Nietzsche – ascetic ideal – willingness to nothing – depression

O título desta Comunicação poderia assumir um tom afirmativo, retirando a interrogação. No entanto, a escolha foi consciente. O ponto de interrogação aponta para uma multiplicidade de perspectivas, o que estaria mais em sintonia com o filosofar de Nietzsche. O texto que vos apresento, portanto, é apenas um ponto de vista tanto na compreensão do pensamento de Nietzsche quanto do nosso mundo contemporâneo. Desdobrarei minha contribuição, numa breve contextualização, numa analítica da III Dissertação e numa problematização.

¹ Texto preparado a partir da conferência apresenta da no XXXVII ENCONTROS NIETZSCHE – UNICAP, 01-02/10/2015 na mesa redonda: Nietzsche: a civilização ocidental e o ascetismo.

² Prof. Associado II da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), mestre em Teologia - Università degli studi di Roma Tre (1970) e doutorado em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais (1999). Pós-Doutorado em Filosofia pela USP (2009).

CONTEXTUALIZAÇÃO E CHAVE DE LEITURA

É sabido que *A genealogia da moral* (1887/1998) junto com *Além do bem e do mal* (1886/1999) são dois livros que testemunham o esforço de quebrar o silêncio que se seguiu à publicação de *Assim falou Zaratustra* (1883-85/2008), considerado por Nietzsche como um “quinto evangelho”. A boa nova que se anuncia é que não estaríamos mais abandonados à vontade de nada, isso é, “*a querer o nada a nada querer*” (GM/GM, III, 8, p.149). O projeto de transmutação de todos os valores seria agora possível pela autossuperação da modernidade e do niilismo europeu que a atravessa.

O ‘assistemático’ Nietzsche nos surpreende em *A genealogia da moral*. O leitor se depara com um livro estilisticamente impecável e bem estruturado arquitetonicamente. Em sua construção, serviu-se da “arte da surpresa”, como nos diz em *Ecce homo* (p.97), típica daquele que é também o deus das trevas (Dionísio), com começos calculados para desorientar, seguindo num ‘crescendo’ de verdades que se anunciam pouco a pouco até *um tempo feroce* quando “uma verdade *nova* se faz visível em meio a espessas nuvens”. Talvez a verdade nova esteja condensada na epígrafe com a qual abrimos o texto, como expressão de um ideal ascético que perdurou até o fim da modernidade e que deve ser abandonado.

143

Para permanecer na metáfora da tempestade que se anuncia e nos desorienta com sua violência ao demolir verdades aparentemente graníticas e levantar pelos ares muitos novos temas e problemas, só nos resta tentar construir uma ordem, mesmo que provisória e equivocada, uma espécie de ordem das razões, para entender o que aconteceu ao homem em geral, e ocidental em particular, a ponto de tornar-se primeiro um animal doente, em seguida um animal culpado, mas agora aberto a uma nova inocência que se descortina com a crise do ideal ascético.

A chave de leitura médico-psicológico

Na análise da III Dissertação, parto de uma opção, que espero não seja arbitrária, para tentar compreender as críticas, talvez mais radicais, dirigidas ao pensamento ocidental por parte, de um dos grandes “mestres da suspeita” ao lado de Marx e Freud. Das três chaves de leitura para interpretar a *Genealogia* minha opção vai privilegiar nem tanto a genealógica e/ou a filológica, mas a psicológica e por ser fiel ao próprio Nietzsche e prestar uma homenagem ao “primeiro psicólogo”, como gostava também de se considerar. De fato, parece que o lugar de onde nasce e é proferido o discurso nietzschiano não é tanto aquele filosófico, duramente

criticado em *A Genealogia*, mas o psicológico, mesmo que deva ser entendido, diferentemente dos ingênuos genealogistas ingleses, como estritamente vinculado com o fisiológico e o genético-histórico.

Se privilegiamos esses aspectos, aparentemente apenas clínicos para nós filósofos ou tarefeiros da filosofia, é porque há, no texto, uma abundância de significantes de natureza «bio - psico - médicas» que os legitimam, tais como: vida, instintos, impulsos, pulsões, forças ativas e reativas, adaptação, crescimento, energia, memória, esquecimento, afeto(s), diagnóstico, sintomas, dor, degenerescência, doentes, doença, depressões, inibição, estimulante, veneno, medicamento, cura, saúde, hospital, loucura, hospício, epidemia, epilepsia, paralisia, neurastenia, histeria, neurose, crueldade em suas várias manifestações autoreferenciais, tais como, automartírio, autodestruição auto-incompreensão, autorebaixamento, auto-escárnio, autodesprezo, autoflagelação, autosacrifício, autoconservação, autocontrole, auto-anestesia.

Sem contar com o registro das várias patologias individuais e epidemias coletivas que, segundo Nietzsche, se abateram sobre determinadas épocas históricas: do sério comprometimento do sistema nervoso dos indivíduos em geral às epidemias epiléticas na Idade Média, às paralisias terríveis e depressões prolongadas (ex. Genebra, Basileia), à histeria das bruxas, ao sonambulismo (no séc. XVI), aos delírios coletivos de morte, à neurose religiosa – essa, segundo Nietzsche, a mais nociva à saúde e ao vigor da raça dos europeus, à intoxicação alcoólica da Europa e, finalmente, à sífilis.

Além desses significantes, o próprio Nietzsche parece privilegiar essa chave psicológica ao caracterizar as três dissertações como uma psicologia do cristianismo, a primeira; da consciência, a segunda; e do ideal ascético, a terceira (EH/EH, p.97-98).

Penso que todas essas razões justifiquem porque pensamos que as críticas dirigidas ao pensamento ocidental possam ser articuladas com o diagnóstico e prognóstico das patologias próprias do homem moderno. Evidentemente, continuando a nos servir da metáfora médico-psicológico, se conseguirmos identificar a causa dos sintomas do mal de que sofre o homem ocidental, teremos encontrado a razão deles e os caminhos abertos para não curar apenas os sintomas, mas a própria doença e, conseqüentemente, um prognóstico mais promissor.

ANALÍTICA

O leitmotiv da III Dissertação: o sentido do ideal ascético

O início da terceira dissertação é um golpe de mestre. Nietzsche provoca-nos com uma pergunta: o que significam ideais ascéticos para algumas categorias de pessoas, tais como artistas, mulheres, os “fisiologicamente deformados e desgraçados (a *maioria* dos mortais), os sacerdotes, os santos? Para cada categoria há uma curta resposta e a razão fundamental que leva o ser humano a conferir um tremendo poder a esse ideal: o *horror vacui* [horror ao vácuo]. A vontade humana precisa de um *objetivo* e “preferirá ainda *querer o nada a nada querer*” (GM/GM, III, 1, p.87-88). O impacto da pergunta e da resposta antecipada ao leitor logo no primeiro parágrafo é tal que o autor se pergunta retoricamente: “Compreendem? Fui compreendido?... ‘*Absolutamente não, caro Senhor!*’ – Então comecemos do início.” (GM/GM, III, 1, p.88).

A resposta impactante inicial a reencontramos na conclusão da dissertação, mas construída pacientemente ao longo de 28 parágrafos quando o leitor parece que não tem como não concordar com ela: “o homem preferirá ainda *querer o nada a nada querer*” (GM/GM, III, 28, p.149).

Nietzsche (EH/EH), mais tarde, lançará um olhar avaliativo sobre sua obra, ao resumir o que ele considera a verdade dessa terceira dissertação, ainda cita literalmente a mesma expressão que, de uma maneira feliz e condensada, expressa seu pensamento. “Pois o homem preferirá ainda *querer o nada a nada querer*”, mesmo que tenha sido um ideal nocivo, foi até agora – continua Nietzsche – o único ideal de que o homem ocidental dispunha. (EH/EH, p.98).

A terra uma “estrela ascética”

Para nos descrever essa situação, Nietzsche nos oferece uma imagem plasticamente bonita, mas curiosa. A terra toda está doente. Vista do alto parece uma *estrela ascética* por excelência repleta de “criaturas descontentes, arrogantes e repulsivas, que jamais se livram de um profundo desgosto de si, da terra, de toda vida e que a si mesmas infligem o máximo de dor possível, por prazer de infligir dor – provavelmente seu único prazer”. (GM/GM, III, 11, p.107).

Essa metáfora do planeta Terra promovido a “estrela”, um astro luminoso, padece de um mal que gradativamente se alastrou do Oriente ao Ocidente, tornando-se uma pandemia. O mal geral tem vários nomes, como “ideal ascético”, “niilismo”, mas o que o caracteriza, seja qual for o nome que lhe dermos, é o menosprezo deste mundo e desta da vida em troca de

uma supervalorização de um céu religioso ou metafísico vazio e de seu culto ao nada. É disseminado principalmente por dois grupos de religiões: o hinduísmo-budismo no Oriente e o judaísmo-cristianismo no Ocidente.

No entanto, as críticas de Nietzsche não se resumem apenas à religião. De fato, através de figuras ligadas ao mundo da arte (Wagner), da filosofia (Schopenhauer, Kant, Descartes, Spinoza, Leibniz), mas especialmente da religião (sacerdote) exemplifica e desmascara os aspectos deletérios e mortíferos desse ideal que ainda perdura.

Não nos deteremos nas críticas dirigidas à arte em sua conexão com o ideal ascético. Assim, também, não vamos analisar a crítica a Schopenhauer, o solitário de Frankfurt, alçado a “algo típico” que pode ser generalizado para todo “verdadeiro filósofo”. Interessa-nos mais registrar o ataque “sério” à figura paradigmática desse ideal no sacerdote ascético. Ao longo de mais de 10 parágrafos (GM/GM, III, 11-22) nos mostra o que está em jogo em sua crítica (o valor da vida), o significado de que se reveste esse ideal para o sacerdote (seu *direito* à existência), a origem desse ideal (“*instinto de cura e proteção e uma vida que degenera*”); a tremenda missão histórica do sacerdote (*a dominação sobre os que sofrem*); sua função pseudo-terapêutica através de mecanismos de defesa e consolo dos sintomas, mas não da remoção da causa do sofrimento; enfim, os efeitos funestos desses equivocados diagnósticos e prognósticos.

146

Há uma alternativa moderna para esse ideal? Pergunta-se Nietzsche. Dizem que sim, responde: “a ciência moderna como verdadeira filosofia da realidade” (GM/GM, III, 23, p.136). Até reconhece que “até agora se saiu bem sem Deus, sem Além, sem virtudes negadoras” (Ib.). Subjetivamente, portanto, os anti-idealistas podem até acreditar que sejam os adversários do ideal ascético. O Édipo do século XIX, porém, Nietzsche, o “decifrador de enigmas” como gostaria de ser chamado por isso, mata a charada. “Esses estão longe de serem espíritos livres: *eles creem ainda na verdade...*” (GM/GM, III, 24, p.138). Não se guiam pelo “*secretum* da Ordem dos Assassinos: Nada é verdadeiro, tudo é permitido” (GM/GM, III, 24, p.138). Ao contrário, numa coisa estão firmemente ligados, precisamente na fé na verdade, pela objetividade, pelo ascetismo da virtude, por um estoicismo do intelecto que os habita.

Essa incondicional “vontade de verdade” é filha da “*fé no próprio ideal ascético [...]*” é a fé em um valor *metafísico*, um valor *em si da verdade*” (GM/GM, III, 24, p.139). Afirma-se com isso a primazia de outro mundo, o da verdade sobre o *nosso* mundo, o da vida, da

natureza e da história. Nesse sentido, a ciência se movimenta ainda na órbita de uma fé metafísica e também “nós, homens do conhecimento de hoje, nós, ateus, antimetafísicos, também nós tiramos ainda nossa flama daquele fogo que uma fé milenar acendeu [...]” (GM/GM, III, 24, p.140), tanto a crença cristã como a de Platão que associaram indissolúvelmente Deus e a Verdade.

O verdadeiro adversário do ideal ascético

O ateísmo, mesmo aquele “incondicional e reto”, cujo ar Nietzsche respira junto com os homens mais abertos de sua época, não se opõe a esse ideal como pode parecer à primeira vista. Se quisermos “com o máximo de rigor” saber o que verdadeiramente venceu o Deus cristão, a resposta – nos diz Nietzsche – é a moral cristã com suas exigências de veracidade. A consciência cristã foi se traduzindo e sublimando em consciência científica, asseio intelectual. Não dá mais para acreditar numa bondade e providência divina, numa teleologia da história e das próprias vivências, numa ordenação moral do mundo, em intenções morais últimas. “isso agora *acabou*, isso tem a consciência *contra* si, as consciências refinadas o veem como indecoroso, desonesto, como mentira, feminismo, covardia [...]” (GM/GM, III, 27, p.147-148).

147

Prognóstico e terapêutica

Nietzsche, porém, não se limita a um mero diagnóstico clínico das patologias morais representadas no ideal ascético, mas se arrisca na emissão de um prognóstico e, em certos momentos, na sugestão de determinados procedimentos terapêuticos. Ultrapassa o discurso meramente desconstrutivo da moral tradicional e aponta para um novo ideal ético que possa tornar os homens mais saudáveis física e psiquicamente.

Esse projeto desconstrutivo-constutivo se manifesta clara e explicitamente na conclusão da segunda dissertação, quando Nietzsche se coloca três perguntas, as quais, junto com as respostas sugeridas, são de fundamental importância para identificar a crítica ao moralismo e as novas perspectivas éticas que se abrem para o homem do futuro.

A primeira pergunta: “O que ocorre exatamente, você está erguendo ou demolindo o ideal”? (GM/GM, II, 24, p.83). A resposta sugerida é que para erguer um ideal é preciso derrubar outro. No caso específico, é preciso derrubar os ídolos da modernidade e tudo o que lhes está associado, isso é, os ideais hostis à vida e difamadores do mudo.

A segunda: “A quem se dirige atualmente com tais esperanças e pretensões?” (GM/GM, II, 24, p.84). A resposta não se localiza nos homens “bons”, “acomodados”, “cansados”, em suma, no homem moderno herdeiro dessa estranha vocação artística de se moldar pela autotortura, mas numa “*outra espécie de espíritos*” caracterizados por uma necessidade de conquista, perigo, dor, possuidores de “sublime maldade” própria de uma “*grande saúde*”. (Ibidem, Grifo do autor).

A terceira. “Seria ela sequer possível agora”? (Ibidem). Não no tempo presente, responde Nietzsche, mas “algum dia”, num “mais futuro” virá aquele que, numa linguagem pautada pela analogia religiosa do cristianismo, é descrito como o homem redentor, o homem do grande amor e do grande desprezo, o espírito criador, aquele que nos redimirá da vontade do nada e que devolverá “à terra sua finalidade e ao homem sua esperança, esse anticristão e anti-niilista”, cujo nome é Zaratustra, o ateu... (GM/GM, II, 24, p.84-85).

Se o diagnóstico é sombrio, o prognóstico nietzschiano está aberto, portanto, para expectativas historicamente viáveis mesmo que não em curto prazo. Na realidade, esse “algum dia” talvez não esteja tão distante. Ao se perguntar se o cristianismo após matar-se como dogma não vai desaparecer também como moral, responde que estamos no limiar desse acontecimento quando a verdade cristã “tira enfim sua *mais forte conclusão*, aquela contra si mesma” ao colocar-se o problema, enquanto problema, do significado de *toda vontade de verdade*. Esse “grande espetáculo, em cem atos”, será encenado nos próximos dois séculos da Europa [XX e XXI] e promete ser “o mais terrível, mais discutível e talvez mais auspicioso entre todos os espetáculos” (GM/GM, III, 27, p.148, grifo do autor).

Interrogando o diagnóstico e prognóstico nietzschiano.

Como anda a encenação desse espetáculo nesta segunda década do segundo século pós Nietzsche, isso é o nosso século XXI?

Estamos progressivamente deixando para trás o ideal ascético ou continuamos a querer o nada a nada querer?

Seria a depressão que atinge milhões de seres humanos a nova epidemia que perpetua esse ideal a despeito de certo otimismo de Nietzsche?

Ou, ao contrário, o capitalismo contemporâneo e a sociedade de consumo não somente não mais nos proíbem o gozo dos bens e dos prazeres terrenos, mas com seu superego cultural

nos ordena: goza de tudo e de todos mesmo correndo o risco de esgotar os recursos naturais da mãe terra?

Afinal, o diagnóstico e prognóstico nietzschiano dão conta também das "doenças" de nosso mundo globalizado e do homem pós-moderno ou são fruto de um psicólogo e médico da moral e da cultura, certamente genial, mas desatualizado para a inteligibilidade do nosso sofrimento contemporâneo?

PROBLEMATIZAÇÃO

Nietzsche e o sofrimento do homem pós-moderno

Seja qual for nossa resposta, sempre valerá a pena subir nos ombros desse gigante se quisermos enxergar mais longe e nos compreender melhor.

O termo “depressão” ocorre quase 10 vezes na III Dissertação, mas será que se trata do mesmo fenômeno que desejamos agora confrontar? Nietzsche, naturalmente e coerentemente, não nos fornece uma definição, considerando que, segundo seu pensamento, “só é definível o que não tem história”, o que certamente não é o caso do fenômeno da depressão que pode apresentar sintomas parecidos, mas remetendo a causas diferentes segundo as diversas épocas históricas. Mas de que sofre o homem contemporâneo e como caracterizar a depressão, hoje, considerada o mal do séc. XXI?

149

Sem entrar na discussão da continuidade e/ou descontinuidade entre Modernidade e nossa contemporaneidade, é preciso reconhecer que, no próprio projeto da Modernidade já está presente esta tomada de consciência de que com ela “tudo o que sólido derrete-se no ar” (MARX; ENGELS, 1998, p.14). O que é “novo” na contemporaneidade é que os sólidos que estão sendo derretidos são os laços tradicionais que ainda sustentavam de alguma maneira o indivíduo no seu processo de subjetivação e de socialização, isso é, os grandes discursos legitimadores da religião, das ideologias fortes, do Estado de bem-estar e seguridade social, do sindicato, da família estruturada em torno da figura paterna etc. (BAUMAN, 1998; 2001). Não é de estranhar, portanto, se, agora, ao privilegiarmos a liberdade mais do que a segurança e a despeito de tantos avanços técnico-científicos, também o deus pós-moderno é um deus infeliz e sua infelicidade atende pelo nome de *toxicomanias*, *síndrome do pânico*, distúrbios alimentares (*bulimia*, *anorexia*) e, especialmente, de *depressões*.

A literatura sobre esse tema da depressão é muito vasta e, nos últimos decênios, mobilizou inúmeros pensadores de várias áreas, não apenas da psicologia, psicanálise e psiquiatria como também muitos artistas de todos os tipos, inclusive os provenientes de chamada 7ª arte, o cinema, que nasce no final da vida de Nietzsche. Aqui me limitarei a uma descrição do que hoje se entende por depressão, a uma apreciação do diagnóstico nietzschiano, a estabelecer uma analogia entre as ambivalências do ideal ascético e as da depressão, enfim, arrisco apontar uma possível terapêutica para a depressão contemporânea, respondendo à questão: o que fazer?

Uma descrição pragmática da depressão contemporânea

Vamos partir de duas descrições oferecidas pela Organização Mundial da Saúde (OMS) e pelo Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM), duas organizações com certa pretensão de possuírem o discurso competente sobre a questão.

A OMS define depressão como um transtorno mental comum, caracterizado por tristeza, perda de interesse, ausência de prazer, oscilações entre sentimentos de culpa e baixa autoestima, além de distúrbios do sono ou do apetite. Também há a sensação de cansaço e falta de concentração.

150

Esse transtorno mental comum, porém, pode assumir contornos patológicos em determinados casos. Não vamos aqui entrar no mérito das críticas dirigidas a certa tentativa de psiquiatrização da existência e dos poderosos interesses econômicos dos laboratórios farmacêuticos para medicalizá-la. Quem quiser conhecer os atuais sintomas e os critérios de quantidade e duração deles utilizados para diagnóstico e classificação dos estados depressivos, em particular para o Transtorno Depressivo Maior (TDM), poderá facilmente encontrá-los no Manual Diagnóstico e Estatístico dos Transtornos Mentais, em sua quinta edição (DSM-V, lançado em maio de 2013).

Apesar das críticas que podem ser dirigidas a esses critérios, é inegável que os avanços das neurociências, da farmacologia, da psiquiatria e das ciências sociológicas nos permitem hoje uma descrição provavelmente mais adequada daquela da época de Nietzsche, no entanto, o que gostaria de destacar é a atualidade do diagnóstico nietzschiano, especificamente para o ideal ascético e implicitamente para nossas depressões contemporâneas.

O diagnóstico nietzschiano

Vimos como Nietzsche explica o fato de que os homens costumam preferir o nada a nada querer. É o “horror vacui”. O horror ao vazio, ao abismo que nos rodeia, ao desamparo intransponível da condição humana, à finitude de nossa existência individual, à falta de respostas a questões fundamentais, à falta de sentido do que somos e do que fazemos, à culpa que nos devora. Para nos defender dessa vertigem, desse buraco negro que nos pode engolir a qualquer momento, o psiquismo de todo ser humano e as várias culturas vão progressivamente tecendo uma rede de proteção, criando laços entre os homens, geralmente laços de amor que nos podem oferecer uma sensação de segurança e de inteligibilidade para nossa existência humana. Somos condenados a amar, mesmo que nossas construções amorosas não passem de ilusões, a fim de dar um sentido a algo que, confusamente, percebemos sem sentido.

O grande poder do sacerdote ascético foi dar um sentido a esse animal que se feria nas barras da própria prisão para se beneficiar da paz social. O culpado pelo próprio sofrimento era ele mesmo. É verdade que, dessa maneira, o animal sofredor foi transformado num animal pecador, mas agora seu sofrimento tinha um sentido.

151

Ora, a depressão, provavelmente em todas as épocas e culturas, é fundamentalmente o rompimento dessa rede de sentido, quando as ilusões não mais nos impedem de vislumbrar o vazio que nos cerca. É o nosso encontro com uma verdade insuportável. Parafraseando o Sócrates da *Apologia*, parece que cada deprimido em sua “dor de viver” diz para si mesmo e para os outros que uma vida sem sentido não merece ser vivida.

Quem estaria, hoje, desempenhando a missão não mais religiosa, mas laica do sacerdote? Não mais culpabilizadora, mas salvadora? Seria o “pharmakon” dos antidepressivos e dos ansiolíticos, junto com todos aqueles profissionais direta ou indiretamente envolvidos na pesquisa farmacológica, fabricação, distribuição e prescrição desses medicamentos?

Penso que uma mera medicalização da existência não seja suficiente. No entanto, e até com Nietzsche, podemos reconhecer a importância e a necessidade de recorrer à fisiologia e à medicina no tratamento das doenças. Em certos casos - ele escreve - a causa do mal-estar se encontra na fisiologia, na enfermidade, mas desconhecendo isso o homem sofredor “revolve

as vísceras do seu passado” em busca de um culpado, transformando “em malfeitores o amigo, a mulher, o filho e quem mais lhe for próximo” (GM/GM, III, 17, p.120).

No entanto, uma terapêutica que seja “*tuto, citius, ioconde*” (segura, rápida e prazerosa) não se encontra nos supermercados do consumo, nem nas inúmeras drogarias de nossas cidades. A razão pode ser procurada numa distinção entre sofrimento e dor que nos pode ajudar a entender a necessidade e a relativização da saída medicamentosa para nossa “vontade de nada”, considerando que nem todo sofrimento é meramente dor.

Ambivalências do ideal ascético e da depressão.

No último parágrafo da 3ª Dissertação, Nietzsche parece retomar a significação ambivalente do ideal ascético para o animal homem.

Ele foi até agora o que lhe deu um sentido, uma finalidade, uma resposta à pergunta sem resposta “para que o homem”? É verdade que sofria também de outras coisas esse animal *doente*, mas seu problema não é o sofrimento e, sim, sua falta de sentido. Essa era a maldição que pairava sobre a humanidade. O ideal ascético *lhe ofereceu um sentido* e foi até agora o único sentido, mas qualquer sentido é melhor do que nenhum.

152

É verdade que essa interpretação do sofrimento sob a perspectiva da culpa trouxe para o homem novos sofrimentos mais profundos, íntimos, venenosos e nocivos à vida, mas, com ele, estava salvo. Com a lacuna preenchida e a resposta encontrada, “fechava-se a porta para todo niilismo suicida”. Agora possuía um sentido e uma vontade, mesmo que o ideal ascético a orientasse para uma *vontade de nada*, para o “ódio ao que é humano, mais ainda ao que é animal, mais ainda ao que é matéria, esse horror aos sentidos, à razão mesma, o medo da felicidade e da beleza, o anseio de afastar-se do que seja aparência, mudança, morte, devir, desejo, anseio [...]” (GM/GM, III, 28, p.149). O ideal ascético, mesmo com seus equívocos, permitiu à vida de continuar, foi como as cinzas que protegeram o fogo que ainda não se apagou totalmente.

Nesse sentido, podemos considerar também os sintomas depressivos não apenas em seus aspectos negativos de prejuízos individuais ou econômicos, mas como uma luz amarela que convida todos a repensar seus próprios valores e aqueles da sociedade. Os sintomas depressivos são, portanto, os nossos grandes aliados, são as sirenes de alarme, a luz amarela que acende e denuncia que nossa humanidade sofre e que, portanto, algo não vai bem. O amarelo é o momento da problematização da existência entre a rotina acrítica do verde e a

proibição recalcante do vermelho. Os que adoecem, portanto, não são necessariamente os mais fracos, os perdedores de uma sociedade. Desdobrarei minha contribuição, numa breve contextualização, numa analítica da III Dissertação e numa problematização extremamente acelerada e competitiva. Talvez sejam os mais fortes que denunciam em seu sofrimento os sentidos e valores equivocados que circulam em nossa sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: O que fazer?

Inicialmente, talvez, fazer o luto das ilusões religiosas e metafísicas com sua duplicação de mundos que sustentavam a existência do homem ocidental e, dessa maneira, passar realmente a amar este mundo e esta vida assim como eles são em sua contingência radical e falta de sentido último. Será fácil? Melhor: será menos sofrida a nossa vida agora que ficou livre do excesso de sentido que a sufocava?

Difícil responder. O que sabemos é que o sofrimento pelo excesso ou falta de sentido nos acompanhará sempre. O medo, o pânico, o sentimento de desamparo, a depressão, a angústia, a melancolia, fazem parte da condição humana. São situações limites intransponíveis. É o preço que pagamos por termos alcançado o que chamamos de consciência, a qual bem que poderia ser apelidada de consciência infeliz.

153

Nesta encruzilhada entre a perda de um sentido último da existência e a necessidade de criar outros sentidos para nossa existência pessoal e histórica encontra-se a pergunta ética de todos os tempos, talvez carregada agora de mais angústia e responsabilidade: o que fazer?

A resposta que proponho parte de um quadro, o *Angelus Novus* de Paul Klee³ e que se tornou famoso pela interpretação que dele nos forneceu W. Benjamim, mesmo que, por certos aspectos, esteja pouco sintonizado com o projeto ético nietzschiano. Esse anjo que Walter Benjamim chama de anjo da história e nós poderíamos apelidar de anjo da impotência, da compaixão e da depressão talvez tenha algo a nos ensinar quando se trata de engajamento ético. Nas palavras de Benjamim, esse quadro

representa um anjo que parece a ponto de afastar-se para longe daquilo a que está olhando fixamente. Seus olhos estão arregalados, sua boca aberta, suas asas estendidas. O anjo da história deve ter este aspecto. Seu rosto está voltado para o passado. Onde diante de *nós* aparece um encadeamento de acontecimentos, ele vê uma catástrofe única, que vai empilhando incessantemente escombros sobre escombros, lançando-os diante de seus pés. O anjo bem que gostaria de se deter, despertar os mortos e recompor o

³ Disponível em: < http://en.wikipedia.org/wiki/Angelus_Novus>. Acesso em: 10.11.2011

que foi feito em pedaços. Mas uma tempestade sopra do Paraíso e se prende em suas asas com tal força, que o anjo já não as pode fechar. A tempestade irresistivelmente o impele ao futuro, para o qual ele dá as costas, enquanto o monte de escombros cresce até o céu diante dele. O que chamamos de Progresso é *esta* tempestade”. (LÖWVY, 2005, p.87, grifo do autor).



Talvez esse quadro⁴ nos possa imunizar contra a mania e a depressão. A primeira nos lançaria numa intervenção de tipo messiânico dentro da história. A segunda nos paralisaria numa impotência absoluta. Talvez seja possível nos sensibilizar com a compaixão impotente do anjo da história de Walter Benjamin, mas preferir nos engajar numa “aposta” mesmo na ambiguidade de um processo de mudanças e transformações onde as determinações objetivas – econômicas, políticas, científico-tecnológicas e culturais - parecem nos intimidar e mesmo sabendo que um final feliz não está garantido por nenhuma esperança de natureza religiosa ou metafísica.

Sempre é possível tornar a própria história e a dos homens menos dolorida, não apenas com a ajuda de medicamentos. Mais do que o da dor física ou do sofrimento psíquico, de fato,

⁴ Fonte da imagem: Disponível em: < http://en.wikipedia.org/wiki/Angelus_Novus>. Acesso em: 10.11.2011.

o que nos dói mais é a falta de sentido no sofrimento pessoal e social. Falta que nenhum medicamento, nem bens de consumo podem preencher.

Mesmo sem dispor dos grandes referenciais do Sentido que podemos encontrar nas religiões e nos grandes médicos da alma, sempre é possível construir micro sentidos pessoais, mesmo que fragmentários, numa tentativa de integrar o antigo oráculo de Delfos - conhece-te a ti mesmo – com o nosso pós-moderno: cria-te a ti mesmo, buscando ampliar a própria criatividade e o direito de experimentar novos estilos de ser.

Além disso, sempre é possível articular esse ideal aparentemente individualista em projetos micro e macrosociais cada vez mais amplos na medida em que se alarga a consciência dos homens: do ideal grego de uma vida “bela e boa” àquele cristão que o estende a todos os homens, ao ideal republicano que quer garanti-lo em instituições justas, até o nosso contemporâneo que o integra num mundo a ser respeitado e compartilhado com nossa geração e com as gerações futuras.

Resta-nos sempre entreaberta a possibilidade de arriscar outros caminhos como por ensaio e erro, criar outros arranjos de engenharia pessoal e social, experimentar outras formas franqueadas para quem quiser até de se tornar um *raro* ou *acaso feliz* sem que isso seja pago necessariamente com o sofrimento alheio não consentido ou com um sofrimento pessoal destituído de sentido.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

DSM – V. Disponível em <https://pt.scribd.com/.../Manual-Diagnostico-e-Estatistico-de-Transtornos-M...> Acesso em: 28.09.2015.

LÖWVY, M. *Walter Benjamin*. São Paulo: Boi Tempo, 2005

MARX K.; ENGELS, F. *Manifesto Comunista*. 8 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

NIETZSCHE, F. (1883-85/2008). *Assim falava Zaratustra*. Trad. Mário Ferreira dos Santos. Petrópolis: Vozes, 2008.

_____. (1886-2005) *Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro*. Trad. Paulo César de Sousa. São Paulo: Companhia das Letras (companhia de bolso), 2005.

_____. (1887/1998) *A genealogia da moral: uma polêmica*. Trad. Paulo César de Sousa. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. (1908/1995) *Ecce homo*. Trad. Paulo César de Souza. 2. ed. São Paulo: Cia das Letras, 1995.